



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

**Intervenção de Sua Excelência o Presidente da Assembleia da República na
Sessão Solene Comemorativa do 45.º Aniversário do 25 de Abril de 1974**

Sala das Sessões da Assembleia da República | 25 de abril de 2019

Senhor Presidente da República,

Senhoras e Senhores Deputados,

45 anos depois, podemos dizer com orgulho que somos hoje uma democracia pluralista, reconhecida como **uma das democracias com mais qualidade em todo o mundo.**

Mas com problemas que é preciso resolver.

Numa democracia pluralista, todas as correntes de opinião têm o seu espaço de afirmação.

Na democracia pluralista o indivíduo encontra o seu lugar de realização dentro de um país solidário, assente num contrato que pressupõe direitos e deveres.

A democracia tem os seus símbolos, os seus rituais, os seus rostos e os seus próprios valores.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

O 25 de abril, os cravos vermelhos, a Grândola: são símbolos dos democratas e de toda uma democracia.

São estes os nossos símbolos, os símbolos da nossa democracia, que hoje, uma vez mais, evocamos e homenageamos na Assembleia da República.

Uma democracia feita de muita participação cidadã, tornada possível pela coragem inicial (inteira e limpa) dos Capitães de Abril (e relembro hoje o nome de **António Marques Júnior**, Deputado desta Casa durante anos) – aqui representados pela Associação 25 de Abril, que saúdo particularmente. Uma democracia marcada pela liderança fundadora de homens e mulheres de diferentes Partidos, com projetos políticos diversos, mas todos grandes figuras de Estado e da República que o 25 de Abril devolveu.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Esta Décima Terceira Legislatura ficou marcada pelo reforço do papel do Parlamento no sistema de governo português.

Marcada por uma **centralidade parlamentar sem precedentes**.

Novas responsabilidades implicam sempre mais e maior escrutínio.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Só instituições irrelevantes é que passam por entre os pingos da chuva e escapam ao escrutínio da opinião pública.

Continuo a acreditar que a **abertura, a transparência e a ética da responsabilidade são os melhores antídotos contra o crescimento da cultura antiparlamentar.**

Por isso, desde a primeira hora, como Presidente da Assembleia da República, procurei promover uma política de portas abertas, de transparência e de participação.

Não apenas no dia 25 de Abril, mas todos os dias do ano.

Porque Abril se cumpre diariamente!

O velho grito “25 de Abril sempre!” ganha assim um sentido renovado, vivido e participado.

Como defendia Mendès France, «a democracia não consiste apenas em colocar episodicamente um boletim numa urna. A democracia é a ação contínua do cidadão».



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Assim, ao mesmo tempo que celebramos a democracia e que damos conta da nossa satisfação com o que conquistámos em 45 anos de liberdade, **não ignoramos os sinais que nos chegam da sociedade.**

Sinais culturais, sinais sociais, sinais políticos.

Sinais que vêm de dentro da própria democracia, como seja **a distância que separa eleitos e eleitores, representantes e representados.**

Sinais que nos chegam do funcionamento das nossas instituições, mas que vão muito além delas, percorrendo partidos, sindicatos e outras organizações da sociedade civil.

A democracia é esse regime da permanente inquietação, da permanente insatisfação e inconformismo.

E a nossa democracia é suficientemente madura para responder aos seus próprios problemas.

Só em ditadura é que nunca há críticas públicas, nunca há poder judicial independente nem comunicação social livre.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Só em ditadura é que há uma aparência de gratidão eterna.

Em democracia, a melhor resposta à confiança dos eleitores é olhar para o futuro e perceber em cada momento os anseios daqueles que representamos, ouvindo as críticas justas daqueles que nos observam e escrutinam.

A melhor resposta à expectativa dos cidadãos é demonstrarmos que **não pactuamos com facilitismos, não agimos com ligeireza.**

Que, tal como há 45 anos, estamos empenhados em cuidar do que é frágil e que se constrói todos os dias: a nossa democracia.

Projetar o futuro, **fazendo a pedagogia da democracia, de um parlamento livre e democraticamente eleito.**

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Foi esse espírito que presidiu à criação da Comissão Eventual para o Reforço da Transparência no Exercício de Funções Públicas e, mais recentemente, do Grupo de Trabalho no seio da Conferência de Líderes da Assembleia da República.

Procurando encontrar a concórdia para as dificuldades existentes e harmonia para as dissonâncias.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Neste grupo, que já terminou o seu trabalho, como eu próprio tinha requerido, **foram obtidos importantes consensos relativos a verbas atribuídas, à verdade fiscal, a recomendações do Tribunal de Contas.**

Quanto à Comissão Eventual, que está a finalizar o seu trabalho, **alarga-se incompatibilidades e impedimentos, o universo dos titulares sujeitos a obrigações declarativas, criando-se sanções para a ocultação do património,** entre outras decisões obtidas por maioria.

Foi-se demasiado longe para alguns, ficou-se abaixo das expetativas para outros.

O tempo vai encarregar-se de ver resultados e eventuais fragilidades.

Em Democracia, há sempre lugar para melhorar a democracia.

Mas devo dizer-vos hoje: **não é aviltando o papel do Parlamento e dos Deputados que se avança, não é com mentiras e desinformação que se avança.**

É com responsabilidade, respeito e dedicação à causa pública.

Perante as inovações das tecnologias da informação, lançámos também o projeto do Parlamento Digital e do Centro Interpretativo do Parlamento.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

O Parlamento Digital está em pleno funcionamento, e é um exemplo de reforço da democracia participativa, de mais e melhor Parlamento.

Quanto ao Centro Interpretativo, apesar das vicissitudes processuais, todos esperamos que no próximo 25 de Abril esteja já a receber visitas de escolas e todos os que nos procuram.

Assim se reforça a possibilidade de participação democrática, com recurso às novas tecnologias, e sem necessidade de qualquer alteração legislativa.

Os partidos políticos democráticos têm aqui ferramentas que lhes permitem abrir-se mais à sociedade, renovando ideias, dirigentes e militantes. Se não o fizerem, outros o farão. Disso não restam dúvidas.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A internet e as redes sociais podem ser, de facto, um factor de aproximação de pessoas, povos e instituições.

Infelizmente, também têm funcionado como **instrumento de difusão de conteúdos falsos e difamatórios, frequentemente veiculados por agentes anónimos com recurso à automação.**



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

São os próprios fundadores de algumas dessas redes sociais que o reconhecem.

Paralelamente, **vemos o jornalismo profissional, feito de acordo com as regras deontológicas, a perder espaço na formação da opinião.**

Ora, **uma democracia sem direito à informação e sujeita à lei do boato e da pura propaganda não é uma democracia digna desse nome.**

Como dizia Hannah Arendt, «a liberdade de opinião torna-se uma farsa quando a informação sobre os factos não está garantida e quando os próprios factos não são o objecto do debate».

Este é um debate que se impõe.

Porque nenhuma democracia está imune a estes riscos. Nem sequer a mais antiga democracia do mundo.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Com todos os seus defeitos, o projeto europeu trouxe ao velho continente a paz, a democracia e o desenvolvimento.

Por vezes, é preciso lembrar aquilo que é elementar.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

As pessoas estão disponíveis para ouvir os seus representantes.

Assim eles ouçam, falem e decidam de acordo com os compromissos assumidos.

É preciso lembrar que, num mundo cada vez mais integrado, a margem de manobra nacional reforça-se com dinâmicas de integração regional.

Nenhum dos grandes desafios estratégicos que enfrentamos será melhor resolvido por cada Estado isoladamente.

É assim com as alterações climáticas, com o combate ao terrorismo (que cobardemente ataca todos, desde o Sri Lanka e a Nova Zelândia até à França e aos Estados Unidos), com a fraude fiscal e o branqueamento de capitais, com os desafios da transição digital e das migrações.

O tempo do orgulhosamente sós já lá vai.

Os portugueses deixaram esse tempo para trás há 45 anos e não querem lá voltar.

O tempo não volta para trás.

A questão está em colocar a globalização, a integração europeia e a mutação tecnológica ao serviço das pessoas.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

O Pilar Europeu dos Direitos Sociais tem de deixar o plano das intenções e passar para o plano da vida concreta dos cidadãos europeus.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Fala-se muito por estes dias de populismo, do espectro do populismo a pairar pela Europa.

Eu próprio às vezes me socorro da expressão.

Mas como dizia Nani Moretti, no filme Palombella Rossa, «as palavras são importantes».

Do que falamos quando falamos de populismo?

Falamos de ultra nacionalismo, de xenofobia, de derivas autoritárias.

Falamos do ódio ao imigrante, às minorias, ao parlamentarismo democrático.

Falamos das novas vestes da velha extrema-direita.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Falamos da cultura do medo e da irracionalidade na política, falamos de perspectivas de violência nas ruas e de condicionamentos de opinião.

Convém não normalizar aquilo que não é normalizável.

É mesmo de extrema-direita autoritária que estamos a falar.

Uma extrema-direita que quer dividir o mundo entre elites e massas, entre liberais e conservadores, entre cosmopolitas e patriotas.

O mundo não funciona assim.

As condições de vida das pessoas não passam por divisões simplistas entre povo e oligarquia, ou entre maiorias conservadoras e minorias identitárias.

A mais profunda clivagem política continua a ser entre aqueles que combatem todas as formas de desigualdade e aqueles que só contribuem para reforçar as desigualdades e as discriminações sociais.

É este o debate que interessa à vida concreta das pessoas.

É aí que está a origem do actual desencanto democrático e do galope abstencionista.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Esta obsessão com o individual e o privado está a deslaçar as nossas sociedades.

Está a criar uma luta de todos contra todos, uma lógica de salve-se quem puder, uma preocupante ausência de empatia humanista.

É preciso recuperar o sentido do coletivo, do bem-comum, do espaço público.

Não são só o Parlamento e os Partidos Políticos que têm de se abrir a esse despertar da cidadania.

São também os parceiros sociais, as centrais sindicais, que devem compreender que sem inclusão, participação ativa dos associados e justiça nas reivindicações, a tendência para a fragmentação e para o reforço dos interesses com pequena dimensão mas grande poder, será dificilmente reversível.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Combater todas as formas de desigualdade e discriminação foi um dos propósitos fundadores do 25 de Abril.

Por isso, nesta última Sessão Legislativa, deixo aqui **um desafio para a próxima Legislatura:**



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Que consigamos ser tão exigentes com os efeitos sociais das políticas públicas como somos quanto ao seu efeito económico e financeiro.

Que além das várias instituições que zelam pelo rigor orçamental surjam no espaço público as vozes daqueles que têm menos voz: a voz dos mais pobres, a voz de todas as vítimas da discriminação social.

Senhor Presidente da República,

Não posso terminar sem aproveitar a presença de Vossa Excelência neste hemiciclo para enaltecer uma vez mais a forma como tem prestigiado o sistema democrático português.

Uma democracia não sobrevive sem democratas, sem solidariedade entre instituições e órgãos de soberania.

Vossa Excelência é um exemplo de lealdade democrática.

Numa relação com o Parlamento que só enaltece o prestígio de ambos os órgãos de soberania.

Nenhum é condicionável e os dois têm disso consciência.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Vossa Excelência tem sido uma muralha simbólica contra o crescimento do populismo, pelo papel decisivo e essencial que tem assumido durante a sua Presidência.

A história ensina-nos que nenhum partido político democrático beneficia dos ambientes de radicalização, insulto e manipulação.

Minhas Senhores e Meus Senhores,

Em ano eleitoral **deixo** pois **um apelo aos líderes políticos e parlamentares: que sejam capaz de travar um debate franco e leal, baseado em alternativas políticas claras.**

A política democrática é essencialmente isso: um confronto tolerante entre interesses sociais e programas políticos conflitantes.

A política de casos é a arma dos fracos, daqueles que não têm ideias nem alternativas.

Não resolve os desafios estruturais do país nem os problemas concretos das pessoas.

Só serve para minar a democracia e envenenar a vida pública.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Às tentativas de degradação do espaço público, respondamos com a exemplaridade republicana e com a convicção democrática!

Ao desprezo pelo conhecimento e pela cultura, respondamos com o confronto democrático dos argumentos!

Os tempos que aí vêm, com o esforço de todos nós, não serão tempos de ódio, violência e demagogia, serão tempos de serviço público, de políticas contra as desigualdades, de defesa da Cultura e do Património do país.

Pela República!

Pela Democracia!

Pelo 25 de Abril!

Viva Portugal!

Eduardo Ferro Rodrigues

Presidente da Assembleia da República

• *Só faz fé a versão lida* •